

VYGOTSKY E A DEFECTOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NOS DIAS ATUAIS

VYGOTSKY AND DEFECTOLOGY: CONTRIBUTIONS TO THE EDUCATION OF STUDENTS WITH DISABILITIES TODAY

Cristiane, RUPPEL¹
Ana Flavia, HANSEL²
Lucimare, RIBEIRO³

Resumo: A teoria de aprendizagem de Lev Vygotsky, acerca da Defectologia, é valiosíssima no campo de ensino dos estudantes com deficiência. Na metade do século XX, o teórico promoveu uma revolução no atendimento educacional destes alunos, pois criticou os conceitos negativos e métodos coercitivos, aos quais muitos deles eram submetidos anteriormente, provocando assim mudanças nas formas de pensar, tratar e educar esta criança com deficiência na escola. A partir do estudo deste fato, os objetivos deste ensaio teórico foram se delineando, na tentativa de investigar as contribuições de Vygotsky para a educação das pessoas com deficiência nos dias atuais, apresentar os diferentes contextos históricos, nos quais entendemos que os pressupostos teóricos do autor necessitam, ainda hoje, de preconização na prática pedagógica de docentes atuantes nesta área, descrever o processo de compensação social e analisar os caminhos alternativos e educativos apontados por ele para proporcionar a superação das limitações da criança. Com isso, concluímos que a perspectiva de Vygotsky é potencializadora, pois situa o professor como um mediador social e a escola como a responsável em organizar as adaptações necessárias para incluir o aluno. Além disso, o autor descreve a cultura como fundamental para a criação de caminhos com alternância, e o ensino adequado, como meio de compensação que desafia constantemente estes estudantes. Ao pautar a sua prática pedagógica nestes princípios, o professor encontra muitos subsídios para proporcionar uma educação de qualidade às crianças com deficiência e permitir a sua inclusão social.

Palavras-Chave: Defectologia. Aprendizagem. Estudantes com deficiência.

Abstract: Lev Vygotsky's learning theory about Defectology is invaluable in the field of teaching students with disabilities. In the mid-twentieth century, the theorist promoted a revolution in the educational care of these students, as he criticized the negative concepts and coercive methods to which many of them were previously subjected, thus causing changes in the ways of thinking, treating and educating children with disabilities at school. From the study of this fact, the objectives of this theoretical essay were

¹ Especialista em Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade São Luís. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO. E-mail: ruppelcristiane@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5818-862X>.

² Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, Campus Universitário de Irati. E-mail: anafaviannahansel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6407-0599>.

³ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO. E-mail: mariribeiro659@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1631-4162>.

<https://doi.org/10.36311/2358-8845.2021.v8n1.p11-24>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

outlined, in an attempt to investigate Vygotsky's contributions to the education of people with disabilities nowadays, to present the different historical contexts, in which we understand that the theoretical assumptions of the author still needs today to be recommended in the pedagogical practice of teachers working in this area, to describe the process of social compensation and to analyze the alternative and educational paths he points out to help overcome the child's limitations. Thus, we conclude that Vygotsky's perspective is empowering, as it places the teacher as a social mediator and the school as responsible for organizing the necessary adaptations to include the student. Furthermore, the author describes culture as fundamental for the creation of paths with alternation, and adequate teaching as a means of compensation that constantly challenges these students. By basing their pedagogical practice on these principles, the teacher finds many subsidies to provide quality education to children with disabilities and allow their social inclusion.

Keywords: Defectology. Learning. Students with disabilities.

INTRODUÇÃO

Estudar a abordagem teórica de Lev Vygotsky nos leva aos princípios da Defectologia, ou seja, do campo de estudos que tratam sobre o desenvolvimento e a aprendizagem das pessoas que possuem uma deficiência, seja de natureza sensorial (visual, auditiva e surdocegueira), física ou intelectual.

Levando em consideração as concepções passadas deste campo, os estudos de Vygotsky provocaram uma revolução nos conceitos relacionados à educação especial vigentes em meados do século XX e que pertenciam à defectologia antiga, na qual a deficiência estava baseada em uma visão negativa de menos valia. Por isso, as pessoas eram segregadas na sociedade, deveriam ser submetidas à testes para medir a sua inteligência sob um enfoque quantitativo e não eram consideradas como capazes de aprender, de interagir socialmente e de se desenvolver (VYGOTSKY, 1983).

Portanto, Vygotsky dedicou-se a demonstrar que esta visão precisava ser excluída da escola de maneira urgente, contribuindo significativamente para a modificação dos estudos anteriores a partir de seus próprios estudos, que têm como foco o desenvolvimento das potencialidades de aprendizagem e a necessidade de elevar o ensino da criança com deficiência ao processo de educação social.

Estes estudos foram concentrados na sua obra "Fundamentos de Defectologia", escrita provavelmente entre os anos de 1921 e 1930, sendo publicada pela primeira vez somente em 1983 (COELHO, 2018). No entanto, os conceitos abordados dentro desta obra ainda podem servir como uma referência para o ensino destes estudantes por transmitirem uma visão positiva de deficiência, a qual não é definida como um impedimento para a aprendizagem, mas sim como um estímulo.

Diante destes fatos, o presente texto está estruturado em quatro momentos. No primeiro, abordamos o processo evolutivo da defectologia, visando demonstrar as mudanças ocorridas nas formas de pensar, tratar e educar a criança com deficiência, a partir das críticas de Vygotsky em relação ao pensamento que foi propagado pela defectologia antiga, bem como da ascensão da nova defectologia, que foi defendida e apresentada pelo autor.

No segundo momento, discutimos acerca de um assunto que foi sustentado por Vygotsky dentro do estudo da Defectologia e que nos auxilia a entender a sua crença nas possibilidades de aprendizagem de todas as crianças com deficiência. Trata-se da Compensação Social, que parte do princípio de que a deficiência funciona como um estímulo para o desenvolvimento.

Já no terceiro momento, passamos a discorrer acerca das contribuições de Vygotsky e de seus pressupostos sobre a Defectologia para a escolarização dos estudantes com deficiência, especialmente atualmente. De forma específica, neste tópico, abordamos as transformações ocorridas no processo educativo dos estudantes com deficiência, assim como as críticas de Vygotsky com relação à escola especial de sua época e seus argumentos a favor do ensino e da mediação social, de modo a promover os recursos adequados e adaptados a cada deficiência.

Por fim, no quarto momento, tratamos especificamente dos caminhos alternativos que são adaptados a cada deficiência e podem auxiliar a criança a ler, escrever, aprender e se comunicar. Apesar de Vygotsky apontar estas formas alternativas de aprendizagem e de comunicação no século XX, ainda hoje elas contribuem para fundamentar o trabalho pedagógico, considerando que vão ao encontro dos princípios veiculados pela educação inclusiva.

Com esta premissa, o presente ensaio teórico, por intermédio de uma pesquisa bibliográfica, visa trazer reflexões acerca da Defectologia, com o objetivo de investigar as contribuições de Vygotsky para a educação das pessoas com deficiência nos dias atuais. Além disso, buscamos apresentar contextos históricos diferentes, nos quais percebe-se que os pressupostos teóricos de Vygotsky necessitam, ainda hoje, de preconização na prática pedagógica de alunos com deficiência e, por último, descrever o processo de compensação social e analisar os caminhos alternativos e educativos apontados por ele para proporcionar a superação das limitações da criança.

Para abordar estes tópicos, além de nos apoiar em sua própria obra “Fundamentos de Defectologia” como a referência base para a produção deste texto, também empregamos outras publicações do teórico, assim como de outros autores, que utilizaram as concepções de Vygotsky para fundamentar as suas pesquisas.

Portanto, também são adotados e analisados artigos publicados em revistas e em eventos, livros e uma tese de doutorado, visando responder o seguinte problema de pesquisa: Como as concepções de Vygotsky sobre a Defectologia podem contribuir para a promoção de um ensino adequado aos estudantes com deficiência, no âmbito da educação inclusiva?

A DEFECTOLOGIA E O PROCESSO EVOLUTIVO DE SEUS PRESSUPOSTOS A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY

A defectologia, isto é, o estudo do defeito⁴ passou por mudanças em seus preceitos no decorrer do século XX através das contribuições de Lev Vygotsky e até hoje vários de seus conceitos podem ser utilizados para subsidiar a práxis docente na promoção de um ensino adequado aos estudantes que apresentam deficiência, pois ressaltam as suas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem, retirando, do trabalho pedagógico, o foco das dificuldades.

As preocupações do teórico não estavam ligadas apenas ao campo científico, mas sobretudo às transformações políticas e ao seu compromisso com a União Soviética naquele momento, particularmente após a Revolução Russa de 1917 (BARROCO, 2007).

Nessa época não havia uma atenção social e educacional, voltada ao desenvolvimento de pessoas com deficiência, visto que eram associadas a uma concepção negativa de menos

⁴ A expressão “defeito” corresponde à terminologia utilizada no século XX para se referir à deficiência, sendo empregada por Vygotsky e mantida neste parágrafo.

valia e acabavam ficando em situação de desvantagem, porque eram consideradas incapazes de participar ativamente da sociedade e desempenhar o seu papel social junto às pessoas sem deficiência (COELHO, 2018).

Além de não concordar com esta tese, Vygotsky também trouxe uma nova perspectiva em relação à defectologia, em contraste com os princípios anteriores deste campo, que estavam pautados por determinações biológicas e reforçavam apenas as limitações em detrimento das potencialidades da criança com deficiência, a qual era submetida a testes psicométricos para mensurar o seu nível de inteligência (CENCI, 2015).

Dessa maneira, na obra “Fundamentos de Defectologia”, podemos verificar claramente a existência de dois momentos da defectologia na história e que são antagônicos quanto às ideias que preconizam.

A defectologia antiga visava calcular o grau de insuficiência do intelecto através de métodos psicológicos, que abarcavam aspectos anatômicos e fisiológicos e pretendiam investigar a criança com deficiência a partir de uma concepção puramente quantitativa, visando apenas medir o grau de sua inteligência, desconsiderando as potencialidades que a deficiência poderia desencadear: “Con ayuda de estos métodos, se determina al grado de insuficiencia del intelecto, pero no se caracteriza el próprio defecto, ni la estructura interna de la personalidad que el mismo crea. [...]”⁵ (VYGOTSKY, 1983, p. 15).

Assim sendo, as principais categorias de estudo eram as proporções, o tamanho e a escala métrica do coeficiente de inteligência. Consequentemente, na educação promoveu-se a redução do material didático, assim como o prolongamento do tempo de estudo e um ensino mais lento para estas crianças, pois eram classificadas como menos desenvolvidas que as demais (VYGOTSKY, 1983).

Nos seus escritos sobre *Obras Escogidas –Fundamentos de defectología* (1983), o autor assinala que a defectologia moderna, visa reagir contra o enfoque quantitativo de todos os problemas teóricos e práticos. Desse modo, vista como um sistema de tarefas positivas, ela repudia toda e qualquer prática educativa pautada em princípios e funções puramente quantitativos. A partir desta nova perspectiva, a defectologia pode ser considerada uma ciência, pois adquire um objeto de estudo que é metodologicamente delimitado: o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das pessoas com deficiência, com foco em suas potencialidades.

A tese principal utilizada por Vygotsky para combater as ideias defendidas pela defectologia ultrapassada foi a seguinte: a criança, cujo desenvolvimento está comprometido pela deficiência, não é menos desenvolvida do que as outras, simplesmente se desenvolve de uma maneira diferente (VYGOTSKY, 1983).

Dessa forma, segundo Nuemberg (2008), Vygotsky buscou concentrar-se nos aspectos qualitativos da deficiência. Sob esta ótica, ele considerava que o funcionamento psíquico das crianças com e sem deficiência segue as mesmas leis, mas com uma organização distinta.

Portanto, o desenvolvimento da criança com deficiência apresenta estruturas e organização específicas e é possibilitado com meios diferentes. Na verdade, a própria deficiência funciona como um estímulo para a sua superação, fato que nos conduz a outro tema que foi amplamente discutido por Vygotsky.

⁵ “Com a ajuda destes métodos determina-se o grau de insuficiência do intelecto, mas não se caracteriza o próprio defeito, nem a estrutura interna da personalidade que o mesmo cria [...]”.

Este tema é caracterizado como compensação, na medida em que a limitação orgânica estimula o cérebro a modificar a sua organização estrutural e o funcionamento dos órgãos debilitados. Contudo, Vygotsky acrescentou a este processo o aspecto social, o que nos leva à Compensação Social, que será abordada no segundo momento deste texto.

A COMPENSAÇÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Como vimos no tópico anterior deste texto, Vygotsky provocou uma importante revolução nos rumos da defectologia no século XX, uma vez que trouxe uma nova perspectiva sobre o estudo, a educação e o desenvolvimento das pessoas que apresentam deficiência e as definiu como seres humanos com possibilidades de aprendizagem.

Esta visão positiva acerca das pessoas com deficiência se deve especialmente à compensação social. De acordo com Vygotsky (1983), a insuficiência orgânica desempenha um duplo papel no desenvolvimento e na formação da personalidade da criança. Assim, se por um lado, a deficiência debilita o desenvolvimento, por outro, exatamente por criar dificuldades, ela também estimula o organismo a elaborar uma compensação, isto é, os mecanismos necessários para superar as limitações.

A compensação, também conhecida como plasticidade, é denominada por Zapparoli (2014) como a capacidade do organismo para se reorganizar e transformar um órgão debilitado. Assim sendo, diante de uma deficiência, o sistema nervoso e o aparelho psíquico entram em cena para compensar a função que foi prejudicada, criando uma superestrutura psicológica.

Em outras palavras, a deficiência funciona como um estímulo para a sua compensação, pois desafia o organismo a redobrar a sua atividade e o desenvolvimento de outras funções, levando à superação das dificuldades. Nesse sentido, a limitação enfraquece o organismo em um primeiro momento, mas depois converte-se em uma fonte de desenvolvimento. Sobre isso, Costa (2006), conclui que se existem problemas, existem também possibilidades para se desenvolver.

O desenvolvimento debilitado pela deficiência conduz a um processo de criação ou recriação da personalidade da criança, no qual todas as funções de adaptação são reorganizadas, de modo a formar novos processos e a abrir novos caminhos de desenvolvimento, ou seja, ocorre a nivelção, a substituição e a superestrutura psicológica dos órgãos acometidos pela deficiência no desenvolvimento da criança (VYGOTSKY, 1983).

A atuação do sistema nervoso e do aparato psíquico do homem é fundamental neste processo. No entanto, tendo como fundamento os princípios da psicologia histórico-cultural, que parte do pressuposto de que a cultura é um produto da vida em sociedade e da atividade social do homem, Vygotsky (1983) acreditava que a compensação de uma deficiência ocorre principalmente a partir do acesso ao meio social e cultural e somente depois por meio do sistema nervoso central.

Logo, o desenvolvimento é um processo interpessoal (que ocorre no âmbito social), mas depois se converte em intrapessoal (que ocorre no âmbito individual, no interior da pessoa). As próprias funções psicológicas superiores, ou seja, as funções internas que caracterizam o comportamento consciente do ser humano, como a atenção voluntária, a

memória e o pensamento abstrato, se formam na esfera social e são culturalmente organizadas (VYGOTSKY, 1991).

Aliás, as funções psicológicas superiores formam uma estrutura de caminhos alternativos e indiretos, nos quais é imprescindível o emprego de recursos externos para tornar possível a sua comunicação com o mundo exterior, quando não é possível realizá-la através de um caminho direto (biológico). Assim, o desenvolvimento das pessoas com deficiência ocorre tanto por meio de fatores internos, como externos (VYGOTSKY, 2011).

Para tanto, tendo em vista que estes caminhos precisam estar disponíveis no âmbito educacional e serem assegurados especificamente pela escola, cabe ao professor conhecer as peculiaridades do caminho pelo qual o aluno será conduzido, visando desenvolver as suas habilidades (VYGOTSKY, 1983).

Por conseguinte, a tarefa da educação consiste em criar a compensação da deficiência por meio de caminhos indiretos, com o objetivo de inserir a criança à vida social, promover a sua aprendizagem, a autonomia, a independência e garantir a sua inclusão educacional.

Por esse motivo, a obra de Vygotsky representa o momento atual que estamos vivenciando. Já no século XX, antes mesmo da consolidação da inclusão social, ele já assinalava os desafios e os princípios da educação especial que são considerados até hoje.

A CONTRIBUIÇÃO DE VYGOTSKY E DOS PRINCÍPIOS DA DEFECTOLOGIA PARA A ESCOLARIZAÇÃO DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NOS DIAS ATUAIS

Vygotsky transformou o modo de conceber a educação dos estudantes com deficiência de tal forma que vários conceitos teóricos propostos por ele podem contribuir para fundamentar o trabalho pedagógico no âmbito da inclusão escolar.

Assim como hoje em dia os professores se deparam com desafios para possibilitar uma educação de qualidade para estas crianças, em sua época, o teórico também assinalou de maneira crítica vários problemas que precisavam de atenção e mudança, os quais estavam ligados às vertentes teóricas e práticas vigentes até então.

Primeiramente, Vygotsky (1983) criticava a escola especial de seu tempo pela falta de vinculação de seus ideais com as bases gerais da educação social e com o sistema de instrução pública daquela época, sendo que sua filosofia se baseava no processo de segregação, criando um micromundo fechado e separado da sociedade, no qual tudo estava adaptado à deficiência, porém não contribuía em nada para introduzir a criança ao mundo, pois seu único objetivo era a assistência social. No entanto, a escolha pela segregação não somente influencia negativamente a educação geral da criança, mas também a sua aprendizagem se reduz a quase zero.

Assim, Vygotsky (1983), via a necessidade de reestruturar os princípios da escola e vincular a pedagogia da criança com deficiência às bases gerais da educação social. Conforme ele, para o educador encarregado de educá-la, o foco do ensino deve estar centrado nas consequências sociais da deficiência e não no seu aspecto fisiológico.

No âmbito biológico, quando os professores se deparam com uma criança com deficiência como objeto de educação, produz-se de imediato um deslocamento dos sistemas

que definem as funções do seu comportamento social, isto é, uma disparidade que pode ser explicada pelo fato de que todo o aparato da cultura humana, especialmente quando Vygotsky produziu a sua obra, estava voltado para a educação das crianças que não possuíam nenhuma deficiência.

Aqui o caso é essencialmente diferente daquele observado no campo da educação da criança normal. Todo o aparato da cultura humana (da forma exterior de comportamento) está adaptado à organização psicofisiológica normal da pessoa. Toda a nossa cultura é calculada para a pessoa dotada de certos órgãos - mão, olho, ouvido - e de certas funções cerebrais. Todos os nossos instrumentos, toda a técnica, todos os signos e símbolos são calculados para um tipo normal de pessoa. E daqui surge aquela ilusão de convergência, de passagem natural das formas naturais às culturais, que, de fato, não é possível pela própria natureza das coisas e a qual tentamos revelar em seu verdadeiro conteúdo (VYGOTSKY, 2011, p. 867).

Por conseguinte, a partir do momento em que um docente recebe em sua sala de aula uma criança que possui uma deficiência e que se distingue das demais crianças consideradas “normais”, a convergência dá lugar à divergência entre as linhas do desenvolvimento natural (biológico) e cultural.

Nesse caso, o profissional da educação deve valer-se do contexto educacional e organizar situações pedagógicas e culturais utilizando-se de um sistema especial de signos ou símbolos que sejam adaptados às peculiaridades de cada criança com deficiência (VYGOTSKY, 2011).

Além disso, o pensador também confere ao professor o papel de mediar a aprendizagem da criança com deficiência, no sentido de buscar a superação de suas dificuldades com a sua ajuda, visando ir além do que ela já consegue fazer sozinha e estimular o desenvolvimento de processos, como a linguagem, o pensamento e a consciência, avançando em seu processo de humanização e no aprimoramento das funções psicológicas superiores, que afloram das relações sociais (LEONARDO; LEONEL, 2014).

Com isso, acreditando que com um ensino e mediação adequados os estudantes com deficiência podem desenvolver-se enquanto seres culturais e sociais, Vygotsky declarava que o professor precisa valorizar constantemente as tarefas escolares que o aluno resolve com o auxílio de outra pessoa, seja o próprio docente ou então um colega mais adiantado no conteúdo que está sendo estudado (LEONARDO; LEONEL, 2014).

Isto, por sua vez, nos leva ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, caracterizado como a distância entre o nível de desenvolvimento real (aquilo que a criança consegue fazer por si mesma) e o nível de desenvolvimento potencial (aquilo que a criança consegue fazer com o auxílio de outras pessoas) (VYGOTSKY, 1991).

Se a criança precisa de ajuda para resolver uma tarefa não significa que ela é incapaz de realizá-la sozinha, pois é um indicativo de seu desenvolvimento mental. Em outras palavras, o que a criança consegue fazer com a assistência de outra pessoa mais experiente aponta muito mais o seu desenvolvimento do que aquilo que ela resolve sozinha (COSTA, 2006).

Isto posto, mesmo tendo produzido os seus escritos na metade do século XX, Vygotsky já sinalizava as mudanças que precisam acontecer na educação das pessoas com deficiência, principalmente em relação às mediações adequadas, às adaptações e aos recursos que devem ser disponibilizados, levando em consideração as singularidades de cada pessoa e de

cada limitação, assim como as atitudes otimistas que devem ser praticadas com respeito ao seu desenvolvimento.

A partir de sua obra compreendemos que para cada deficiência existem recursos alternativos e diferenciados que podem ser usufruídos por estes estudantes no ambiente escolar, tendo como objetivo a aprendizagem de todos. Logo, o professor precisa saber quais artifícios pedagógicos o seu aluno necessita e disponibilizá-los.

CAMINHOS ALTERNATIVOS PARA POSSIBILITAR A EDUCAÇÃO DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

Tendo em vista os seguintes tipos de deficiência: visual, auditiva, surdocegueira, física e intelectual, Vygotsky abordou caminhos alternativos de ensino para serem empregados em cada um dos casos, uma vez que no caminho direto, utilizado pelos estudantes sem deficiência, existem barreiras que impedem a sua aprendizagem.

Estes caminhos mencionados por ele no estudo da defectologia se referem às formas de ler, de escrever, de aprender e de se comunicar. Para as pessoas que não possuem deficiência existe a possibilidade de ler com os olhos e falar com a boca. Porém, a cultura nos revela que também é possível ler com os dedos e falar com as mãos e a educação pode auxiliar as crianças com deficiência visual e auditiva a realizar estas e outras ações de forma alternativa e diferente.

O importante é que a criança cega lê, assim como nós lemos, mas essa função cultural é garantida por um aparato psicofisiológico completamente diferente do nosso. E, para a criança surda-muda, o mais importante, do ponto de vista do desenvolvimento cultural, é que a fala humana é garantida por um aparato psicofisiológico completamente diferente (VYGOTSKY, 2011, p. 868).

Dessa maneira, as pessoas com deficiência utilizam caminhos diferentes com o objetivo de ler e comunicar-se com o meio circundante, assim como de realizar outras funções culturais e biológicas. Na necessidade de comunicação, que surge no desenvolvimento psicológico da criança, estão todos os dados necessários para a realização de uma passagem espontânea ao desenvolvimento cultural. Assim, a criança se insere ao meio cultural e vê a possibilidade de aprender e utilizar formas distintas para interagir com ele (VYGOTSKY, 2011).

No caso dos cegos, a escrita e a leitura visual precisam ser substituídas pela tátil. Com isso, o recurso a ser utilizado neste contexto é o sistema Braille. Logo, apesar do cego não poder ver as letras, ele pode ler e escrever marcando o papel de uma reglete com uma punção (VYGOTSKY, 1983).

A sua fonte de compensação é a linguagem, posto que apesar do cego possuir dificuldade para se orientar no espaço sem nenhum recurso de acessibilidade, há a possibilidade de se relacionar adequadamente com os videntes através desta função em várias experiências sociais (VYGOTSKY, 1983).

Em virtude deste pressuposto, no aspecto biológico, a cegueira é mais grave que a surdez, uma vez que a deficiência visual leva à falta de orientação espacial e da liberdade dos movimentos. Já no aspecto social, a surdez é mais grave do que a cegueira, pois priva o homem da linguagem e o isola do contato social (VYGOTSKY, 1983).

No entanto, os surdos também dispõem de caminhos alternativos para concretizar as suas relações sociais e consolidar a sua aprendizagem. Vygotsky (1983) destacou a utilização da datilologia ou alfabeto manual, o que hoje se conhece pela língua de sinais, de modo a possibilitar os processos de leitura e escrita, bem como a comunicação destes indivíduos.

Apesar da audição estar afetada, todos os demais órgãos estão saudáveis, embora, em muitos casos, não haja a possibilidade do surdo aprender a falar. Nesse sentido, empregar o método oralista na escola, que visa ensinar a linguagem oral à criança surda, como procedimento educativo e comunicativo somente traz prejuízos, pois além de ser coercitivo e ir contra os interesses deste aluno, apenas consome muito tempo, não contribui para ensiná-lo a construir frases de maneira lógica e limita o seu vocabulário (VYGOTSKY, 1983).

Além disso, o teórico critica os métodos que objetivam o treinamento da articulação de sons, uma vez que estes são cruéis e também proíbem a língua de sinais. Todavia, a linguagem, segundo ele, corresponde ao uso efetivo de signos, não apenas da fala (RODRIGUERO, 2000).

Por conseguinte, Vygotsky (1983) explica que a fala não está ligada apenas ao aparelho fonador, pois a comunicação pode ser concretizada por outro sistema de signos, bem como a escrita visual pode ser substituída pela tátil, isto é, pelo alfabeto manual, no qual cada letra e cada palavra representam um sinal específico e uma determinada configuração das mãos, assim como a expressão corporal e facial.

Este sistema de signos deve permitir à criança surda interagir socialmente com os ouvintes, de modo a contribuir para a internalização da linguagem e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Portanto, a forma mais adequada para ampliar as relações interpessoais dos surdos é a inserção da língua de sinais no processo educativo (RODRIGUERO, 2000).

Por outro lado, a educação das crianças com surdocegueira, isto é, daquelas que apresentam os dois tipos de deficiência, visual e auditiva, é mais complexa. Mesmo assim, estas possuem possibilidades de desenvolvimento, visto que o sistema nervoso e o aparato psíquico podem não estar afetados (VYGOTSKY, 1983).

Conforme Vygotsky (1983), a prioridade na educação da criança com surdocegueira é o ensino da linguagem e a aprendizagem é concretizada através do tato, a partir do qual é possível perceber os sinais do alfabeto manual, assim como as letras em relevo do alfabeto em Braille. A sua comunicação também pode ser realizada pelo uso do alfabeto manual, assim como da linguagem oral, considerando que há a possibilidade de desenvolvê-la por meio da imitação.

Neste caso, o ensino possui maiores obstáculos em comparação com o da criança cega, sendo que não é possível perceber os movimentos articulatórios do interlocutor, havendo apenas a alternativa de guiar-se pelo tato (VYGOTSKY, 1983).

Enquanto isso, as dificuldades das crianças com deficiência física em relação à educação são menores do que as enfrentadas pelos cegos e pelos surdos, estando concentradas especialmente no aspecto motor, causando a impossibilidade de andar, de falar, de escrever, de trabalhar, etc. (VYGOTSKY, 1983).

Por esse motivo, necessitam de suportes adaptados para promover a sua acessibilidade ao espaço físico, como as rampas de acesso, o uso de cadeira de rodas, bem como de meios

de comunicação alternativa, como o computador, para aqueles que possuem dificuldades na comunicação oral, escrita e paralisia cerebral (COSTA, 2006).

Em contrapartida, de acordo com Vygotsky (1983), as crianças com deficiência intelectual possuem um retardo em seu desenvolvimento, ocasionado pelo funcionamento intelectual inferior à média e, por isso, não seguem o mesmo ritmo de aprendizagem que as crianças típicas.

Nesse sentido, as suas possibilidades de aprendizagem são muito limitadas em comparação com a criança sem deficiência e a sua educação tem maiores obstáculos do que a do cego e do surdo. No entanto, apesar destas limitações, o seu desenvolvimento também é possível através de processos compensatórios (VYGOTSKY, 1983).

Logo, é impossível tratar esta deficiência como se todas as funções intelectuais estivessem igualmente afetadas de um modo negativo, já que o desenvolvimento é desencadeado na medida em que são ativados os processos de compensação e por meio de sistemas de atividades específicas (DIAS; OLIVEIRA, 2013).

Segundo Vygotsky (2018), a formação dos processos compensatórios se expressa no desenvolvimento do intelecto prático. Nesse segmento, as atividades devem ser empregadas no sentido de desenvolver a capacidade do raciocínio, a capacidade motora, a atenção, a autonomia, a comunicação, etc. Precisam ser criados caminhos indiretos semelhantes aos empregados pelas pessoas com deficiência visual e auditiva, além de ser necessário modificar qualitativamente os conteúdos escolares, visando adaptá-los às suas necessidades e ir em direção ao desenvolvimento potencial.

Além disso, como o desenvolvimento das pessoas com deficiência intelectual não se resume aos aspectos quantificáveis da inteligência, Vygotsky era contra os testes de QI para medir a capacidade intelectual, tendo em vista que a pontuação obtida na avaliação psicológica somente indica o nível de desenvolvimento real, mas não demonstra a evolução da criança no decorrer de todo o processo (DIAS; OLIVEIRA, 2013).

Diante disso, Vygotsky mostra a importância de não se deter somente no diagnóstico de deficiência intelectual no momento de planejar as atividades escolares, considerando que a criança pode ir muito além de seus rótulos. Assim, para organizar uma educação adequada aos estudantes com deficiência intelectual é preciso que o educador saiba como estes se desenvolvem, mas o mais importante é ter a consciência de que eles não são compostos apenas de deficiências, pois seu organismo pode ser reconstruído (DIAS; OLIVEIRA, 2013).

Logo, a partir dos pressupostos acima citados, Vygotsky (1983) nos mostra a importância de reavaliar a concepção tradicional sobre a educação dos alunos com deficiência. Segundo esta visão, o “defeito” significa uma perda ou falha, que provoca limitações no desenvolvimento e no equilíbrio normal da criança. No entanto, ao mesmo tempo em que a deficiência produz falhas e dificuldades para a adaptação da pessoa ao meio, por outro, são estes mesmos obstáculos que estimulam a abertura de caminhos indiretos e alternativos de desenvolvimento e levam à compensação da deficiência, bem como à condução de todo o sistema de equilíbrio que foi rompido a uma nova ordem.

Por fim, não devem ser levadas em consideração somente os obstáculos e as características negativas da deficiência, mas sobretudo as possibilidades de desenvolvimento através de caminhos alternativos. A criança somente utiliza o caminho indireto pela necessidade

e pressão que uma determinada ação estimula, isto é, quando ela possui dificuldades de resolver uma operação pelo caminho direto, passando a empregá-lo para chegar ao resultado esperado.

Ressaltamos, portanto, que estes meios alternativos devem ser assegurados pela escola, contribuindo para romper os obstáculos existentes, seja em relação ao espaço físico, ao processo pedagógico ou então aos preconceitos e às abordagens docentes que focam apenas nas características negativas da limitação, em detrimento da capacidade de superação e de desenvolvimento da pessoa.

Por sua vez, as adaptações realizadas pela escola oportunizam às crianças com deficiência questões como a acessibilidade, a aprendizagem e a interação com todos da comunidade escolar: professores, alunos, coordenação pedagógica e demais funcionários. Com isso, a inclusão é efetivada e estes estudantes podem compensar a sua deficiência, aprendendo e participando ativamente da sociedade em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo nos permitiu investigar as contribuições de Vygotsky para a educação dos estudantes com deficiência atualmente. Assim, o estudo foi concretizado através de um ensaio teórico, no qual analisamos a sua obra denominada “Fundamentos de Defectologia” como referência base, como também utilizamos outras publicações escritas pelo próprio Vygotsky e por outros autores, que realizaram as suas pesquisas acerca da Defectologia e suas implicações no processo educacional dos alunos com deficiência.

Tendo em vista objetivos que elencamos inicialmente, concluímos, portanto, que Vygotsky promoveu uma revolução nos rumos da Defectologia, pois apresentou uma nova perspectiva em relação ao estudo, à educação e ao desenvolvimento de todas as pessoas com deficiência na metade do século XX, época em que prevalecia o processo de segregação destes indivíduos, os quais eram recolhidos nas escolas especiais, não sendo introduzidas ao mundo social.

Além disso, neste período, preponderava o aspecto biológico da deficiência e o foco de ensino eram as limitações e seus princípios quantitativos, como o coeficiente de inteligência, que era aferido através de testes psicométricos e iam contra os interesses e as necessidades da criança.

Não concordando com estas práticas, Vygotsky tornou-se um precursor da Defectologia moderna (1983), trazendo uma visão positiva com respeito às possibilidades de aprendizagem dos alunos com deficiência, conferindo à escola a função de promover as adaptações necessárias para a sua inclusão social e ao professor o papel de mediar socialmente o seu aprendizado, a fim de avançar em seu desenvolvimento potencial. Com isso, Vygotsky acabou por romper as bases teóricas e práticas que foram difundidas pela defectologia antiga.

Para ele, a deficiência não pode ser definida apenas como uma limitação, mas sim como um estímulo para a sua superação. Dessa forma, tendo como base desse pensamento a compensação social, Vygotsky nos ensina que a deficiência pode ser compensada, por um lado, em virtude da superestrutura psicológica que ela mesma provoca, uma vez que desafia o organismo a redobrar a sua atividade e proporcionar a substituição do órgão afetado por outros

que estão saudáveis, bem como, por outro lado, por meio de caminhos alternativos, oferecidos pela cultura, que devem auxiliar a pessoa a ler, a escrever e a interagir com as pessoas ao redor.

De maneira geral, todo o aparato da cultura humana é voltado para as pessoas ditas “normais”, isto é, para aquelas que enxergam, ouvem, falam, se locomovem com facilidade e possuem um funcionamento intelectual saudável. Assim, quando aparece uma criança com deficiência, cria-se de imediato uma insegurança no professor encarregado de seu processo de aprendizagem, cabendo a este adaptar os recursos já existentes, de modo a possibilitar a abertura de caminhos alternativos de desenvolvimento, com o objetivo de atender as necessidades do aluno.

Em síntese, respondendo ao problema de pesquisa que suscitamos no início, podemos afirmar que já no século passado, Vygotsky deu um grande impulso para o que depois viria a ser chamado de educação inclusiva, pois através de sua perspectiva teórica compreendemos que nenhuma deficiência está acima das potencialidades da criança e que esta tem a capacidade de compensá-la por meio de um ensino adequado, com os recursos e métodos adaptados às suas necessidades, mas principalmente através da mediação apropriada do professor, visando ir além dos conhecimentos atuais do aluno, em direção ao seu desenvolvimento futuro.

Ao criticar a escola especial daquela época, Vygotsky evidenciou a necessidade de transformar os seus princípios, não apenas no aspecto pedagógico, mas sobretudo nos aspectos estruturais e sociais, uma vez que a função da instituição escolar não é segregar o indivíduo com deficiência, criando muros e separando-o da sociedade, mas sim inseri-lo na mesma e buscar alternativas diferentes para desenvolvê-lo de maneira integral.

Portanto, ao basear-se nos princípios destacados por Vygotsky sobre a Defectologia, podemos inferir que o professor encontra os fundamentos necessários para possibilitar uma educação de qualidade e propiciar a inclusão social dos seus alunos com deficiência.

REFERÊNCIAS

- BARROCO, S. M. S. *A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais*. Araraquara, 2007. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101588/barroco_sms_dr_arafcl_prot.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- CENCI, A. A retomada da defectologia na compreensão da teoria histórico-cultural de Vygotsky. In: REUNÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015, p. 1-17. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt20-3680.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- COELHO, C. M. M. Sobre desenvolvimento da infância e defectologia: indícios do papel ativo do sujeito. *Revista Educação em Foco*, Minas Gerais, v. 23, n. 3, set/dez. 2018. Disponível em: <<http://ojs2.ufrf.br/emnuvens.com.br/edufoco/article/viewFile/20105/10690>>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- COSTA, D. F. A. Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a Educação Especial. *Revista Psicopedagogia*. São Paulo, v. 23, n. 72, 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v23n72/v23n72a07.pdf>>. Acesso em 10 out. 2019.

- DIAS, S. S; OLIVEIRA, M. C. S. L. Deficiência intelectual na perspectiva histórico-cultural: contribuições ao estudo do desenvolvimento adulto. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v. 19, n. 2, p. 169-182, abr/jun. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbee/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em 24 mar. 2020.
- LEONEL, W. H. S; LEONARDO, N. S. T. Concepções de professores da educação especial (APAEs) sobre a aprendizagem e desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual: um estudo a partir da teoria vigotskiana. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v. 20, n. 4, out/dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n4/a06v20n4.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- NUEMBERG, A. H. Contribuições de Vygotsky para a educação de pessoas com deficiência visual. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 307-316, abr/jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a13v13n2.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- RODRIGUERO, C. R. B. O desenvolvimento da linguagem e a educação do surdo. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 5, n. 2, p. 99-116, jun/nov. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v5n2/v5n2a08.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2020.
- VYGOTSKY, L. S. Acerca dos processos compensatórios no desenvolvimento da criança mentalmente atrasada. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, p. 01-22, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e44003001.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2020.
- VYGOTSKY, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da pessoa anormal. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v37n4/a12v37n4.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2019.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas – Tomo V: Fundamentos de defectología*. Madrid: Visor, 1983.
- ZAPPAROLI, K. *Estratégias lúdicas para o ensino da criança com deficiência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

